



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
1999-2023-2024

VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A UTILIZAÇÃO DO ANIME ONE PIECE (1999) PARA A REFLEXÃO DE LÍNGUA MATERNA

*VARIATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE: THE USE OF THE ANIME ONE PIECE (1999) FOR
FIRST LANGUAGE REFLECTION*

Maria da Guia Taveiro-Silva

<https://orcid.org/0000-0002-6520-1845>

Gilberto Freire de Santana

<https://orcid.org/0000-0002-3018-3018>

Kezia da Silva Calixto

<https://orcid.org/0000-0003-4493-3059>

Resumo: A cultura pop nipônica tem se mostrando cada dia mais difundida e consumida pelos jovens contemporâneos ocidentais (ALENCAR, 2010). Visto que os mangás e animes são tipos de narrativas apreciados pela classe dos estudantes (LUYTEN, 2012), aplicá-las em sala de aula para o ensino de língua materna pode suscitar resultados positivos. Casseb-Galvão e Neves (2017) defendem que inserir a dublagem e legendagem de obras televisivas e cinematográficas no ambiente escolar, também pode auxiliar educadores nas aulas de português. Por essa razão, o presente trabalho objetivou apresentar o anime japonês One Piece (1999-2023), de Eiichiro Oda, como um útil material pedagógico para se pensar a variação do português brasileiro. A dublagem do referido anime demonstrou utilizar diferentes elementos linguísticos, como a variação de faixa etária e, principalmente, a social, para caracterizar suas personagens. Consequentemente, essa narrativa possibilita discutir questões pertinentes, tais como hierarquização linguística, o que resulta na hierarquização social. Ainda, a adequação linguística que as personagens da trupe do chapéu de palha fazem em diferentes situações, permite afirmar que o bidualismo funcional (SOARES, 2017) é um dos prováveis caminhos para a ascensão social de alunos pertencentes às camadas populares no sistema capitalista brasileiro. O artigo evoca para análise as personagens Luffy, Chopper, Nami, Usopp, Sanji, Robin e alguns outros secundários, oficiais da marinha, para se refletir as variedades estigmatizadas e de prestígio. Portanto, espera-se que com essa pesquisa, os animes possam ser vistos como possíveis aportes pedagógicos para o ensino de língua materna.

Palavras-chave: Animes; Aporte pedagógico; Ensino; Língua Materna.

Resumo: Japanese pop culture is becoming more and more widespread and consumed by contemporary Western youth (ALENCAR, 2010). Since manga and anime are types of narratives appreciated by the students' class (LUYTEN, 2012), applying them in the classroom for mother tongue teaching can raise positive results. Casseb-Galvão; Neves (2017) argue that inserting dubbing and subtitling of television and film works in the school environment can also help educators in Portuguese classes. For this reason, the present work aimed to present the Japanese anime One Piece (1999) as a useful pedagogical material to reflect the variation of Brazilian Portuguese. The dubbing of the anime demonstrated the use of different linguistic elements, such as age and social variations, to characterize its characters. Consequently, the One Piece (1999) narrative makes it possible to discuss pertinent issues, such as linguistic hierarchization, which results in social hierarchization. Also, the linguistic adequacy that the characters of the straw hat troupe make in different situations allows us to state that functional bidualism (SOARES, 2017) is one of the probable paths for the social ascension of students belonging to the popular classes in the Brazilian capitalist system. The article evokes for analysis the characters Luffy, Chopper, Nami, Usopp, Sanji, Robin and some other secondary, naval officers, to think about the stigmatized and prestigious varieties. Therefore, it is hoped that with this research, animes can be seen as beneficial pedagogical contributions to the teaching of birth language.

Keywords: Animes; Pedagogical Support; Teaching; Mother Tongue.



INTRODUÇÃO

One Piece (1997-2022) é uma série de mangá escrita e ilustrada por Eiichiro Oda. A trama apresenta a personagem-protagonista, Monkey D. Luffy, um pirata novato que pretende conquistar o maior tesouro do mundo e tornar-se o rei dos piratas.

A classe dos piratas, no entanto, não é socialmente aceita, eles são tratados como criminosos e ferrenhamente perseguidos pelas autoridades políticas. Na cultura nipônica, é comum que mangás sejam adaptados para o audiovisual no formato de *anime*¹. A narrativa em questão, *One Piece*, começou a ser televisionada no Japão em 1999.

Koyama-Richard (2022, p. 180) afirma que o mangá de Eiichiro Oda é um fenômeno mundial, batendo recordes de venda desde sua primeira publicação no ano de 1997. No Brasil, a série foi exibida pela primeira vez em 2006 e oficialmente dublada em 2020. Em se tratando da dublagem e/ou legendagem de obras cinematográficas e televisivas, Casseb-Galvão e Neves (2017) afirmam que a utilização dessas em sala de aula pode trazer benefícios para o processo de reflexão e ensino de língua materna.

Em complemento, Luyten (2012) defende a utilização de animes no âmbito escolar. Para a autora, existe uma relação íntima estabelecida entre as obras orientais e o estudante contemporâneo. Isso posto, o presente trabalho se propôs a analisar aspectos da dublagem e da legendagem de *One Piece* (1999), procurando indicar caminhos para sua utilização em sala de aula. A pesquisa é qualitativa, pois se baseia em colocações teóricas para chegar ao resultado esperado e o procedimento selecionado foi o bibliográfico. A metodologia é explicativa, uma vez que busca esclarecer como a dublagem e legendagem de *One Piece* podem ser úteis para o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Os episódios selecionados para discussão foram os seguintes: 51 (cinquenta e um), 159 (cento e cinquenta e nove), 164 (cento e sessenta e quatro), 191 (cento e noventa e um), 192 (cento e noventa e dois), 196 (cento e noventa e seis) e 197 (cento e noventa e sete). Em tais episódios,

¹ *Anime* é uma palavra utilizada para designar animações japonesas.

as personagens eleitas para leitura foram Luffy, Chopper, Nami, Usopp, Sanji, Robin e, ainda, personagens secundárias – os oficiais da marinha.



O recorte objetiva investigar especialmente quatro aspectos da variação do português brasileiro e mostrar como a legenda pode auxiliar estudantes a evitar esses eventos no processo da escrita. Os aspectos observados foram: *expressões idiomáticas*; o fenômeno de supressão de semivogais em palavras ditongas, denominado *monotongação*; o chamado *alçamento vocálico*, quando as vogais médias /e/ e /o/ são pronunciadas como /i/ e /u/; e a *neutralização da consoante /r/*, sobretudo, em palavras no infinitivo.

A investigação permitiu ainda compreender o que Soares (2017) chama de adequação linguística. Ademais, fundamentado na análise dessas personagens, percebeu-se que certos elementos na dublagem brasileira – inseridos para causar humor e representar alguns grupos sociais – consequentemente podem desqualificar indivíduos pertencentes às camadas populares e perpetuar preconceitos linguísticos relacionados a essa classe.

478

Portanto, a dublagem de *One Piece* (1999) permite realizar uma discussão acerca da marginalização linguístico-social, da relação hierárquica existente entre variedade estigmatizada e de prestígio, bem como o que tange à adequação linguística. O estudo tencionou indicar as vantagens consequentes da aplicação do anime japonês para o ensino e reflexão de língua materna.

A DUBLAGEM E LEGENDAGEM DE ONE PIECE (1999) NO ENSINO E REFLEXÃO DE LÍNGUA MATERNA

Para alguns estudiosos como Casseb-Galvão e Neves (2017, p. 59), a dublagem e a legendagem audiovisual podem ser útil quando aplicada ao ensino de língua portuguesa, dado que essa ferramenta “associa a imagem ao som e a fala à escrita das legendas”. Assistir a filmes, séries e animes dublados, contando também com o auxílio das legendas, possibilita que os alunos verifiquem a forma como alguns vocábulos são escritos segundo a

norma culta, mesmo que geralmente oralizados de diferentes maneiras.



O professor tem a liberdade de escolher a obra cinematográfica ou televisiva que achar mais adequada para o desenvolvimento de suas aulas e de seus alunos. No entanto, por que considerar os animes japoneses como uma opção positiva? Para Alencar (2010), uma das razões é o fato de o público jovem e infantil demonstrar grande aceitabilidade da animação japonesa. Para o autor, a expansão dos produtos midiáticos orientais “é um fenômeno que impressiona pela abrangência e particularidade de seus modos de circulação, uso, consumo, recepção e apropriação (...)” (Alencar, 2010, p. 10).

Grande parte da juventude contemporânea consome freneticamente a cultura *pop*. Santoni (2017, p. 16) afirma que as “salas de aulas estão repletas de ícones das HQ’s”. Os estudantes identificam-se e são influenciados pelas personagens e pelos enredos. Para Luyten (2012, p. 30), isso ocorre uma vez que, diferentemente dos heróis construídos no ocidente, os desenvolvidos pelos povos nipônicos são “concebidos a partir do mundo real, nos quais as pessoas podem encontrar, além de uma espécie de miniatura de suas vidas, os ingredientes para vivenciar suas fantasias”.

É necessário que educadores entendam a importância de conhecer as vivências, experiências e gostos pessoais que os alunos trazem de casa à escola, pois esse pode ser um dos caminhos para alcançar o interesse do estudante pelo aprendizado de sua língua materna, neste caso, a portuguesa. Crianças e adolescentes, por vezes, têm dificuldades de compreender a razão de se estudar português; “ora”, podem pensar alguns deles, “se eu falo essa língua naturalmente, para quê estudá-la?”. Nesse ínterim, partir de algo que é comum para eles (no caso, dos animes japoneses) possibilita o educador de fazê-los perceber que *tudo em uma sociedade envolve comunicação*, portanto, como seres participantes de um coletivo e para as experiências sociais sejam plenas, é preciso dominar as duas convenções: oral e escrita.

O processo de dublagem e de legendagem de obras audiovisuais envolvem muita pesquisa. As reconstituições de voz objetivam “produzir diálogos verossimilhantes”, levando em consideração “as convenções das variedades orais da língua, respeitando as expectativas do destinatário e, claramente, os limites



impostos pela fala fílmica” (CASSEB-GALVÃO; NEVES, 2017, p. 64). O campo dos animes é destinado, sobretudo, ao público infanto-juvenil, entretanto, essa comunidade engloba pessoas de diferentes classes sociais. Assim, devem ser cogitados no processo de construção da dublagem, os elementos que envolvem as variedades linguísticas de faixa etária e social (COELHO *et al*, 2018).

É possível perceber que a dublagem de *One Piece* (1999) alcança as expectativas do destinatário nesse sentido, já que as personagens da referida obra possuem diferentes modos de falar. Koyama-Richard (2022) afirma que *One Piece* (1999, p. 180) é um anime cheio de “humor e peripécias”, é por isso que a dublagem brasileira inseriu, a exemplo, muitas expressões idiomáticas comuns, tencionando manter os tons humorísticos originais.

Uma das variações linguísticas que podem ser observadas no anime é a de faixa etária. Chopper, uma das personagens de *One Piece* (1999), comeu na infância uma fruta encantada que lhe transformou em um híbrido de humano e rena. A personagem possui entre 9 (nove) ou 10 (dez) anos de idade, assim, algumas expressões idiomáticas utilizadas por ele são comuns para crianças nessa fase. No episódio 159 (cento e cinquenta e nove), Chopper fica animado ao ver seu amigo Zoro lutando, dessa forma, diz para ele: “*Zoro, me ensina a solar*”. O vocábulo *solar* é bastante comum nas comunidades virtuais de jogos on-line, transmite a ideia de *lutar*, *bater* ou *enfrentar*.

No episódio 207 (duzentos e sete), observa-se Chopper falando a Usopp: “*Você é tudo pra mim*”, expressão que se popularizou nas mídias sociais, como o *twitter*, trazendo a ideia de que algo ou alguém é muito especial ou admirado. Conclui-se, então, que a dublagem de *One Piece* (1999) se utiliza da cultura linguística juvenil, especialmente das advindas da cultura pop e da internet, para criar uma maior identificação entre espectadores e personagens.

Nos episódios 191 (cento e noventa e um) e 192 (cento e noventa e dois), observa-se o protagonista, Luffy, referindo-se ao vilão Enel como “*fi duma rapariga*” e ao seu amigo Gunfall como “*véi do apito*”. A expressão idiomática “*fi duma rapariga*” é geralmente utilizada por alguns falantes do português brasileiro em situações de



estresse e pode ser percebida como uma variação regional, tendo em vista o uso do termo *rapariga*. Já a expressão “véi” é usada para indicar alguém conhecido por alguma função, como “véi do sorvete” ou “véi do leite”, interliga-se, como no caso de Chopper, à faixa etária do falante, mais especificamente, a pessoas na terceira idade.

Apesar das personagens Luffy e Chopper comunicarem-se oralmente por meio das expressões “fi duma rapariga”, “véi do apito”, “solar” e “você é tudo pra mim”, a legendagem do anime *One Piece* (1999) é inserida seguindo os padrões da variedade de prestígio. O quadro a seguir mostra como no anime a variedade oral é apresentada como diferente da variedade escrita, chamada pela Sociolinguística de variação diamésica:

Dublagem (variedade oral) de <i>One Piece</i> :	Legendagem (variedade escrita) de <i>One Piece</i> :
A expressão idiomática apresenta-se como “Fi duma rapariga”.	A expressão idiomática apresenta-se como “Filho de uma rapariga”.
A expressão idiomática apresenta-se como “Véi do apito”.	A expressão idiomática apresenta-se como “Velho do apito”.
A expressão idiomática apresenta-se como “Zoro, me ensina a solar”.	A expressão idiomática apresenta-se como “Zoro, me ensina a lutar”.
A expressão idiomática apresenta-se como “Usopp, você é tudo pra mim”.	A expressão idiomática apresenta-se como “Usopp, você é incrível!”

Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Tendo em vista que a legendagem do anime *One Piece* (1999) é apresentada ao espectador segundo a variedade de prestígio, o professor pode mostrar aos alunos que existem distinções entre a fala e sua transcrição/entre a oralidade e a escrita, ajudando-os a evitar equívocos gráficos em seus textos escritos produzidos em sala de aula. Crianças e adolescentes apreciam e se identificam com essas narrativas coloridas, acessíveis e com doses de verossimilhança, o que pode resultar em aulas divertidas. Portanto, em razão de seu notável consumo e aceitação, pelos possíveis benefícios advindos da

utilização da dublagem-legendagem nas aulas de português, o anime japonês *One Piece* (1999) indica ser um apropriado material pedagógico no processo de ensino e reflexão de língua materna.



3 PIRATAS DO CHAPÉU DE PALHA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A VARIEDADE ESTIGMATIZADA E A DE PRESTÍGIO

O grupo denominado pela narrativa de os *piratas do chapéu de palha* é composto pelo protagonista Luffy e seus companheiros: Nami, Robin, Zoro, Sanji, Usopp e Chopper. Todos são jovens à margem da sociedade. Nami, por exemplo, é órfã de guerra e aos oito anos de idade teve de se filiar a um bando de ladrões e assassinos para conseguir salvar da extrema pobreza as pessoas carentes de sua ilha natal. Os oficiais da marinha que perseguem os piratas, por outro lado, são a maior autoridade política em *One Piece* (1999). Eles exercem sua função de maneira desonesta e violenta, na verdade, até mesmo manipulam a mídia e os meios de comunicação para não terem seus crimes descobertos e denunciados.

É possível perceber que as personagens do *chapéu de palha* são construídas de uma maneira que acentua a natureza transgressora dessas: se portam de modo desleixado, são irascíveis, inconsequentes, excessivos no comer e beber. Já as representações de autoridade e poder, os militares e os governadores, são mostrados ao público como educados, formais, sempre bem-vestidos e arrumados. Soares (2017) relembra, entretanto, que o uso da língua é um dos principais elementos usados pela classe dominadora para discriminar ou estereotipar pessoas ou comunidades.

A autora cita a *ideologia das deficiências culturais*, que por muito tempo foi base de discursos preconceituosos, sobretudo daqueles defensores da ideia de que o não domínio da variedade de prestígio é prova de carência cultural e intelectual. Portanto, além dos aspectos simbólicos ou visuais utilizados para apresentar cinematograficamente diferenças entre a classe dominadora e a dominada, é preciso trazer para a análise aspectos da fala,

nesse caso, da dublagem em *One Piece*. O exame visa perceber como a variedade linguística estigmatizada é preterida e subjugada, consequentemente, mantendo em



supremacia a variedade utilizada por aqueles que detêm o poder socioeconômico.

Os piratas do *chapéu de palha* são personagens-tipo de herói problemático. Dessa maneira, eles configuram toda uma classe marginalizada: a de adolescentes pertencentes a comunidades pobres que, infelizmente, encontram na criminalidade uma maneira de sobreviver a um sistema hierárquico, repleto de injustiças sociais, semelhante às crianças de *Capitães de Areia* (AMADO, 2008). Talvez seja por isso que a narrativa os apresenta como pessoas que “falam errado”, que se “comunicam com gírias”, aspectos linguísticos esses comumente – e erroneamente – direcionados a tais classes.

Toda a trupe do *chapéu de palha* possui características linguísticas passíveis de observação, todavia, no presente capítulo, evoca-se para exame somente Nami, Sanji, Usopp e Robin. As quatro personagens viveram situações de vulnerabilidade social e econômica, Nami, citada anteriormente, é órfã de guerra; Sanji é vítima de naufrágio e trabalha desde criança em cozinhas; Usopp foi abandonado pelo pai e Robin é a única sobrevivente de uma comunidade devastada pelos conflitos armados. Com exceção de Robin, que por um certo período conviveu entre pessoas da alta-classe, Sanji, Usopp e Nami foram criados à margem. Por essa razão, as quatro personagens utilizam variedades linguísticas distintas.

Objetivando discutir alguns elementos da variedade linguística de Nami, Sanji e Usopp, o episódio selecionado para investigação foi o 51 (cinquenta e um). A conversa transcrita, a seguir, foi retirada do mesmo:

Sanji: Ah, Usopp, você *tava* aí também?

Usopp: Eu *qui* falei com você *primeru*, seu estúpido! Me diz uma coisa Sanji, você tem interesse em ser o *primeru* do *East Blue*, é?

Sanji: Ah, cala a boca, não tem nada a vê. O fato é *qui* fiquei com *vontadi* de *cozinhá* aquele *pexi* ali.

Usopp: Que *pexi*?

Nami: Ah, é um *pexi* bem *diferenti*, né? (ONE PIECE, 1999, ep. 51)

O contexto do diálogo transcrito é uma conversa informal. Desse modo, é natural que os três jovens não tenham se preocupado em monitorar a fala. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2005, p. 6) disserta: “há eventos que são conduzidos com mais formalidade e mais

monitoração linguística que outros”. Os vocábulos destacados, *tava*, *primeru*, *vê*, *qui*, *vontadi*, *cozinha*, *pexi* e *diferenti* foram descritos da maneira que as personagens se expressaram oralmente.



Em *primeru* e *pexi*, é possível perceber dois eventos de variação linguística: o processo de monotongação e de alçamento vocálico, quando as vogais médias /e/ ou /o/ são pronunciadas com sonoridade de /i/ ou /u/. *Primeru* é uma variedade do vocábulo *primeiro*, em que a semivogal /i/ do ditongo /ei/ foi suprimida, sendo assim um evento de monotongação. Igual ocorrência nota-se em *peixe*, que se torna *pexe*.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 95) afirma que “a semivogal que ocupa o lugar da segunda consoante nas sílabas CVC, travando-a, também está sujeita à supressão (...)” A pesquisadora reitera que esse fenômeno surge já nos primórdios da formação da língua portuguesa, “desde a evolução do latim para o português” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 95). Por conseguinte, é natural que falantes nativos do português tenham o costume de suprimir a semivogal em palavras ditongas.

Ainda, nas duas palavras analisadas, percebe-se a que as sílabas /ro/ de *primeiro* e /xel/ de *peixe*, são átonas. E por aparecerem após as sílabas tônicas /mei/ e /pei/ as vogais /e/ e /o/ tendem a ser oralizadas como /i/ e /u/, respectivamente, ocorrendo o alçamento vocálico. Também se constata essa alteração da sonoridade nas referidas vogais em *que* e *vontade*, na devida ordem proferidas como *qui* e *vontadi* e em *diferente* transfigurada para a variante *diferenti*. Em razão disso, Bortoni-Ricardo (2004) alerta aos professores de língua materna que estejam atentos

à pronúncia das vogais átonas /e/ e /o/, que são elevadas para /i/ e /u/, porque, quando os alunos ainda têm pouca familiaridade com as convenções da língua escrita, frequentemente escrevem essas vogais como pronunciam. Por exemplo, escrevem a palavra *amigo* como “amigu”, e de novo como “dinovu”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 80)

Além de permanecerem alertas, é preciso que educadores tenham, também, uma atitude compreensiva e reconheçam que os estudantes alfabetizando podem encontrar dificuldades para distinguir a palavra falada, da palavra escrita. Dessarte, apresentar aos alunos o pequeno fragmento examinado do episódio 51 de *One Piece*



(1999), pode ser uma opção criativa de recurso pedagógico para ensinar-lhes a evitar ocorrências de monotonação e de alçamento de vogais na linguagem escrita.

Em se tratando de Robin, é possível notar que a variedade utilizada por ela se diferencia das variedades utilizadas por outros integrantes da trupe do *chapéu de palha*. Uma das razões para isso se deve ao fato de, apesar de ser órfã, ela passou a infância estudando em um centro de pesquisa arqueológica, e a adolescência trabalhando para oficiais do governo. Tanto o espaço de pesquisa, quanto o espaço político, são histórico e socialmente considerados, locais frequentados por pessoas detentoras da cultura e do conhecimento. Sendo assim, a dublagem de *One Piece* (1999) apresenta as personagens inseridas em tais ambientes como aquelas que “falam certo”. Por ter crescido nesses locais, Robin é mostrada pela narrativa como uma mulher culta, inteligente, dominadora da variedade de prestígio.

Para discutir a questão de que a variedade estigmatizada é utilizada na dublagem de *One Piece* (1999) para estereotipar classes sociais vulneráveis, é necessário analisar a disparidade entre o comportamento linguístico de Robin e de outros do grupo do *chapéu de palha*:

Nami: *U qui foi issu?*

Zoro: Foi uma explosão.

Robin: Eu escutei alguma coisa antes, mas isso pareceu ser diferente.

Nami: Vamos *deixá issu pra* depois, temos *qui seguí em frenti*.

Zoro: Por que *tá cum* tanta pressa, Nami?

Robin: Você tem agido de forma estranha. O que foi que você viu?
(ONE PIECE, 1999, ep. 164)

É possível notar que a fala de Zoro e Nami é estigmatizada marcada por supressões como em *pra*, *tá*, e por alçamento de vogais /e/ e /o/, em *issu* e *frenti*, bem como pela neutralização da consoante /r/ em *seguí*. Não obstante, a variedade de Robin é, mais comumente, a de prestígio. A expressão *você tem agido de forma estranha* foi formulada segundo as regras da grafia oficial de língua portuguesa, já o verbo *agir* está no particípio passado regular (*agido*).

Por estar em uma situação informal, Robin poderia ter se expressado da seguinte forma: *Você tá estranha*. A

personagem, no entanto, está continuamente se expressando consoante à grafia oficial do português. Consequentemente, sua variedade acaba sendo prestigiada, dado que os espectadores relacionarão à sua variedade linguística ao fato de ela ser uma mulher “letrada”.



As distinções na fala das personagens estudadas é uma ilustração da variação diastrática, definida por Coelho *et al* (2018, p. 40), como reflexo de “diferentes características sociais dos falantes”, entre elas o grau de escolaridade e o nível socioeconômico. Mas é importante atentar-se ao fato que a narrativa *One Piece* (1999) pode estar acentuando tais variedades em razão da construção geral das personagens, porque a língua não se apresenta, na realidade, de forma tão separada. A língua é viva maleável, as variedades, portanto, se misturam e complementam-se entre os falantes. Soares (2017, p. 62) afirma que variedades sociais são as “que ocorrem em grupos caracterizados por idade, sexo, classe social, entre outros (...)”. Nessa perspectiva, a variedade que está mais de acordo com gramática foi eleita pela classe dominante, logo, é considerada variante padrão. Todas as outras que estão fora desse campo, aquelas usadas principalmente pela classe dominada, são vistas como não-padrão (COELHO, *et al.* 2018).

486

Isto posto, baseando-se nos aspectos da fala estudados nas personagens Nami, Usopp, Sanji e Robin, é possível afirmar que a aplicação da dublagem/legendagem do anime *One Piece* (1999) pode ser um material pedagógico interessante para o ensino e a reflexão da língua materna. Percebeu-se que as personagens se expressam e se comunicam de diferentes maneiras, tanto pelas culturas das suas comunidades de origem, quanto pelos aspectos sociais e econômicos.

Neste sentido, o educador pode optar por inserir nas aulas de língua materna o episódio citado do anime (cinquenta e um), focalizando nas personagens analisadas. Isso ajudará os alunos a perceberem como a variedade não-padrão é interligada às pessoas vulneráveis e à margem, enquanto a variedade prestigiada é direcionada àqueles que pertencem às classes dominantes. Prática esta que, consequentemente, perpetua preconceitos linguísticos, possibilitando debater, no espaço-escola, questões concernentes ao preconceito linguístico.



ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA EM *ONE PIECE* (1999)

Dentre as temáticas sociais trabalhadas em *One Piece* (1999), como abuso de poder e má distribuição de renda, observa-se uma questão que se destaca: a da luta de classes. No anime, existem as classes dominantes, representadas principalmente pelos políticos e pelos militares (na imagem da *marinha*) e as classes dominadas, simbolizadas pelos piratas e pelas pessoas comuns.

Além das características físicas, viu-se que a língua é um dos principais elementos utilizados pelo anime para estereotipar as classes vulneráveis. Os *piratas do chapéu de palha*, por exemplo, são em sua grande maioria mostrados como pessoas que “falam errado”, evidenciando suas origens modestas. Isso promove a manutenção de preconceito linguístico e de estigmatização das variedades usadas pelas esferas sociais socioeconomicamente sujeitas.

No entanto, apesar de a dublagem de *One Piece* (1999) usar das variedades linguísticas para construir personalidades típicas – o que resulta na conservação de estereótipos –, nota-se que há eventos de adequação linguística. Para melhor discutir essa afirmação, observa-se, novamente, para a análise a personagem Sanji. Discutir-se-á também pessoas outras, os oficiais da marinha, que nos episódios selecionados cumprem papéis secundários.

Soares (2017) defende como solução para os conflitos estruturais referentes à língua, o que a Sociolinguística chama de Bidialetalismo Funcional, circunstância em que indivíduos que usam “as variedades estigmatizadas devem aprender as variedades de prestígio para usá-las nas situações em que elas são requeridas” (SOARES, 2017, p. 78). Adaptação essa que não objetiva cancelar as variedades estigmatizadas, pois essas enriquecem e caracterizam o português brasileiro. (BAGNO, 2017).

A necessidade de adequação se dá, pois o sistema capitalista que rege a sociedade brasileira hierarquiza as línguas (SOARES, 2017). O domínio da linguagem de prestígio pode significar ascensão social para os alunos das camadas populares. Neste sentido,



One Piece (1999) pode ser também um auxílio para que professores de língua materna reflitam com os estudantes sobre a inevitabilidade do amoldamento linguístico.

Os episódios 196 (cento e noventa e seis) e 197 (cento e noventa e sete) contam as aventuras que se desenrolam à medida que a turma do *chapéu de palha* tenta fugir de uma base militar. O fragmento a seguir foi retirado do episódio 196 (cento e noventa e seis) e trata de uma conversa informal entre soldados da marinha, que acontece durante uma vigília noturna:

Soldado 1: Mas ei... *ouví dizê qui* a nossa fortaleza não é muito bem-vista pela marinha *ultimamenti*, sabia?

Soldado 2: É, algumas pessoas nos chamam pelas costas de porcos-espinhos *froxos qui* não fazem nada. *O pior é qui* até dá pra entendê porque nos últimos anos não teve nenhum ataque pirata por aqui, né?

Soldado 3: *Comé qui é?* (ONE PIECE, 1999, ep. 196)

A conversa dos soldados é coloquial, marcada por elementos comuns à variação do português brasileiro, monotongação, em *froxo*, supressão do /r/, em *entende*, e alçamento vocálico, troca da vogal /e/ e /o/, em *comé qui*. Percebe-se, também, a presença de uma expressão idiomática, *pior*, usada pelos falantes do português brasileiro quando desejam justificar ou intensificar alguma colocação.

Na frase *o pior é que eu entendo*, expressada pelo soldado 2, *pior* intensifica o ato de entender. Mesmo que o vocábulo *pior* seja sinônimo de inferior ou último, nesse contexto, tem sentido de força. Para Bagno (2017, p. 10), esse processo de resignificação das palavras, pelos falantes de português brasileiro, é em razão de toda língua ser “um grande corpo em movimento, em formação e transformação, nunca devidamente pronto”.

O fato de esses oficiais da marinha serem pessoas pertencentes a classes sociais dominantes e, mesmo assim, apreciarem a variedade não prestigiada, aponta para a crença de que a existência de um “modo de falar certo” ou de um “modo de falar errado”, é irreal, infundada. A língua falada é um código mutável, adaptável e maleável, não se prende às regras pré-definidas da grafia oficial. No entanto, quando fundamental fazer uso da variedade prestigiada, tanto as personagens do *chapéu de palha* (símbolo da classe social subjugada), quanto os oficiais da marinha



(símbolo da classe social dominadora), adaptam suas formas de expressão:

Sanji: Aqui é um campo de batalha, não é? Aposto que sua comida está deliciosa. Mas o pior que pode acontecer é ficarem sem ingredientes... Não importa se gastou 10 mil ou um milhão de berries, você não pode desperdiçar nada de nenhum ingrediente. (ONE PIECE, 1999, ep. 197)

O fragmento refere-se a uma fala do pirata Sanji, que, na situação, dirigia-se a uma chefe de cozinha. É possível perceber que ele se comunica de maneira mais formal, não é possível identificar a ocorrência de fenômenos como monotongação, supressão de vogais e consoantes, ou outros eventos comuns da variedade estigmatizada. Sanji escolheu comunicar-se com a variedade prestigiada, pois era necessária no contexto em que estava inserido. Semelhantemente, os soldados da marinha conversam informalmente com seus semelhantes, mas ao transmitirem mensagens aos superiores, monitoram a fala, mostrando respeito à figura de autoridade:

Soldado 1: O navio será ancorado na doca 88 e já começamos a busca, senhor.

Soldado 2: Relatório, senhor. O Stan Maley está solicitando entrada no porto... (ONE PIECE, 1999, ep. 197)

Calvet (2002), na obra *Sociolinguística: uma introdução crítica*, para exemplificar as distinções entre micro e macrosociolinguística, usa a ilustração de um jovem negro da Universidade de Berkeley. Ele se comunica de forma monitorada com o professor e de forma menos monitorada com seus colegas. Calvet (2002, p. 144) afirma que para compreender o porquê de tal variação linguística, da oscilação entre variedade de prestígio e variedade estigmatizada, “é preciso ir à raiz – social – dos fenômenos”.

Os alunos da educação pública brasileira geralmente provêm das camadas mais subjugadas da sociedade, como as periferias. Essas comunidades possuem seus próprios costumes, culturas e características específicas da fala. Os jovens advindos desses ambientes, comumente, são preteridos, vistos como indivíduos que precisam de

reformulação linguística, dado que a variedade que eles trazem de casa para a escola é considerada “inaceitável”.

A chamada *ideologia do dom* por muito tempo defendeu a ideia de que “a função da escola (...) seria, pois, a de adaptar, ajustar os alunos à sociedade” (SOARES, 2017, p. 18). Esse ajustamento, porém, distancia a escola das comunidades e afasta o aluno da escola, ocasionado uma das maiores razões para a grande evasão escolar no Brasil: o estudante, ao perceber que não é aceito no ambiente educacional, tende a abandoná-lo.

Essa hierarquia linguística está diretamente ligada à hierarquia social. Não é somente a variedade linguística utilizada pelo aluno que não é bem-vinda na escola, o aluno, também, não é. A língua é reflexo da comunidade, da cultura, das origens do estudante, assim, se a escola não abraça a variação do aluno, ela não abraça o *aluno*. A discriminação da língua, e, portanto, do indivíduo, não está longe da escola: ela é perpetuada, sobretudo, pela e na escola.

Obviamente, as injustiças sociais e econômicas causadas pelo capitalismo são os maiores causadores do preconceito linguístico (SOARES, 2017), todavia, é a instituição escolar a responsável pelo saber e capacitação. Por consequência, ela deveria estar à frente na luta contra as discriminações linguísticas. O que se nota, porém, é que o sistema educacional é um dos maiores difusores de tais preconceitos. Ferrarezi (2014), em *Pedagogia do Silenciamento*, define da seguinte forma as metodologias utilizadas para o ensino de língua materna nas escolas brasileiras:

Um silêncio academicamente ensinado, escolasticamente repetido, mitologicamente desenvolvido, tolamente proliferado, infelizmente acalentado. E das cicatrizes que esse silêncio deixou na vida dos alunos que por ele foram feridos, acreditando que estavam sendo por ele beneficiados. (FERRAREZI, 2014, p. 12)

Esse silenciamento nas escolas é um dos culpados pela existência da crença equivocada de que existe um “falar errado” e um “falar certo”. É culpado ainda da ideia de que a “fala errada” são as variedades usadas pelas classes dominadas. Tendo em mente, portanto, que a língua é usada

pela sociedade capitalista como elemento de dominação, a escola tem o dever de auxiliar o aluno a aprender a variedade





de prestígio para quando essa se fizer necessária, objetivando lutar contra as injustiças sociais acentuadas pelo preconceito lingüístico.

O processo de adequação linguística pode ser o mecanismo-chave para que os jovens pertencentes às comunidades vulneráveis ascendam socialmente. E, nesse sentido, aplicar os episódios 196 (cento e noventa e seis) e 197 (cento e noventa e sete) de *One Piece* (1999), mostrando aos alunos como as personagens harmonizam seu modo de falar, segundo o ambiente em que estão inseridos, auxilia os estudantes a observarem, na prática, a que se refere a ideia de *adequação linguística*, contribuindo, positivamente, para aulas de língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura pop nipônica tem-se difundido cada vez mais entre a juventude contemporânea, por diversas razões. Entre elas, cita-se a popularização da internet e a construção mais humanizada dos heróis das narrativas, consequentemente, fazendo com que crianças e adolescentes se identifiquem. *One Piece* (1999), obra escrita e ilustrada por Eiichiro Oda, chega no Brasil em 2006 e é dublada para o português brasileiro em 2020. As personagens pertencentes ao grupo *chapéu de palha* são apresentadas, utilizando de variedades linguísticas distintas, representando diferentes classes sociais.

Sobre Chopper e Luffy, respectivamente, observou-se que eles possuem em suas falas características comuns à idade e à classe social. Chopper utiliza expressões idiomáticas que se desenvolveram no ambiente virtual, em que a maioria dos participantes dessa comunidade são crianças e adolescentes. “*Solar*”, significando *lutar*, e “*você é tudo pra mim*”, transmitindo a ideia de admiração e apego, que são exemplos dessa variação de faixa etária e da internet. Luffy, ao comunicar-se por meio de expressões como “*fi duma rapariga*” e “*véi do apito*”, mostra um exemplo de variação regional e etária.

Outras personagens analisadas, Nami, Usopp e Sanji, também demonstram utilizar em ambientes informais a



variedade estigmatizada. No entanto, em situações em que a variedade de prestígio é requerida, as personagens selecionadas, para análise, demonstram saber também utilizá-las. Eventos semelhantes foram observados na fala dos oficiais da marinha. Robin, por fim, parece sempre utilizar a variedade de prestígio, dado que cresceu em ambientes de maior influência social. A distinção da fala entre Robin e o resto da trupe revela uma falsa crença universal: que pessoas nascidas em classes dominadas tendem a falar “errado” e, quando entram em contato com as classes dominantes (como no caso de Robin) amoldam-se, aprendendo a “falar certo”.

Como efeito, a escola, que deveria ser ambiente onde todo tipo de preconceito fosse questionado e aplacado, acabou por se tornar um dos maiores difusores da discriminação linguística. Auxiliado pelo anime *One Piece* (1999), o educador pode mostrar que é positivo utilizar variedades linguísticas distintas, uma vez que a língua falada é um código mutável e maleável. É uma falácia a crença de que existe um modo de falar certo e errado, mas existem certas situações em que se exigirão adequação linguística.

Observou-se que as personagens usam variedades linguísticas como monotongação, supressão do /r/ em palavras no infinitivo, alçamento vocálico, troca das vogais /e/ e /o/ por /i/ e /u/ e expressões idiomáticas. Porém, as legendas mostram como esses vocábulos e expressões são escritos, segundo a gramática oficial. Dessa forma, inserir no âmbito escolar o anime *One Piece* (1999) dublado e legendado em português brasileiro, pode fazer com que os alunos percebam certas diferenças entre a língua oral e a escrita.

Ademais, a dublagem-legendagem pode ajudar os alunos a evitarem equívocos em seus textos escritos produzidos no espaço-escola, visto que eles perceberão as diferenças existentes em alguns vocábulos na transmissão do oral para o escrito. A obra *One Piece* (1999) de Eiichiro Oda pode ser usada, também, para suscitar debates relevantes, especialmente, sobre questões como a hierarquização linguístico-social e a necessidade de bidialectalismo funcional. Portanto, *One Piece* (1999) se mostra ser um material pedagógico possível e substancial



para professores no ensino de língua materna, logo, apresentando as vantagens do anime japonês para o contexto educacional.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Thiago. **O animê: públicos, consumo e modos de apropriações culturais**. Monografia (Bacharel em Produção em Comunicação e Cultura). Universidade Federal da Bahia: 2010. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31011> > Acesso em: 02 set. 2022.

AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Editora Parábola, 2002.

CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria. **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

COELHO, Izete Lehmkuhl, GÖRSKI, Edair Maria, MAY, Guilherme Henrique, SOUZA, Christiane Maria N. de. **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FERRAREZI, Celso Jr. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

KOYAMA-RICHARD, Brigitte. **Mil anos de mangá**. São Paulo: Estação Liberdade, 2022.

LUYTEN, Sonia. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2012.

ODA, Eiichiro. **One Piece**. São Paulo: Panini, 2022.

ONE PIECE. Direção: Konosuke Uda. Produção: Toei Animation. Japão: Toei Animation,

VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: ...
Afluentes, UFMA/CCEL, v.8, n.23,
p. 476-494, jun/dez de 2023
ISSN 2525-3441

1999. Disponível em: < <https://www.crunchyroll.com/pt-br/one-piece> > Acesso em: 26 ago. 2022.



SANTONI, Pablo. **Animês e Mangás: a identidade dos adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Educação em Artes Visuais). Universidade de Brasília: 2017. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24480?mode=full> > Acesso em: 01 set. 2022.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

Recebido em 08 de junho de 2024.

Aprovado em 02/04/2024.